

A FEIRA DE POCINHOS NA SUA DIVERSIDADE: MUDANÇAS E RESISTÊNCIAS.

Sérgio Ricardo Araújo Costa¹
Matusalém Alves²

Resumo

Historicamente, as feiras livres se consolidaram como uma importante estrutura de suprimento de alimentos das cidades, especialmente as interioranas. No entanto, a feira é uma relevante atividade que promove o desenvolvimento econômico, social e cultural de um determinado local, facilitando ainda o escoamento da produção familiar, comercializando alimentos com preços reduzidos, valorizando a produção artesanal, promovendo a integração social e preservando hábitos culturais. Daí, a proposta desse trabalho de desenvolver estudos a partir desse lugar social, que tanto fomenta a cultura popular das mais variadas formas. A feira de Pocinhos representa um espaço econômico-social desde o final do século XIX, quando Pocinhos era apenas um pequeno povoado, até os dias atuais. De maneira, que este artigo está vinculado a perspectiva do Projeto de Extensão: A Feira de Pocinhos: Memória, Patrimônio e Identidade, selecionado na última seleção de projetos de extensão da UEPB, com a finalidade de promover um debate da história local de Pocinhos com professores e alunos da rede pública de ensino, tendo como ponto base a feira livre e suas diversidades.

Palavras-chave: feira, memória e identidade.

1. Introdução

A pretensão primeira desse artigo inspira-se na representação econômica e sócio-cultural da feira de Pocinhos tendo esta contribuído para com a construção e formação de um povo enquanto sociedade. Nessa perspectiva, tendo como objeto palpável, a feira, surge um complexo debate através dos fatos que norteiam esse trabalho, tais como: questiona-se muito hoje, o porquê da resistência das feiras, tendo em vista ser essa uma atividade comercial tida para muitos como ultrapassada, e sabendo que com o advento dos supermercados esses espaços sofreram grande impacto, mas mesmo assim isso não foi suficiente para extingui-la. Ela é antes de tudo, um espaço que consegue aglomerar o máximo de produtos, gêneros e gostos possíveis, criando assim uma de suas maiores características, que a singularidade de sua diversidade cultural e a raiz identitária plantada na cultura local através das décadas de sua existência.

¹ Graduando UFPB. (PROBEX). ricarddonahistoria@hotmail.com

² Orientador (DHG/UEPB). matusala@terra.com.br

Especificamente, tendo como ponto de estudo e pesquisa a feira de Pocinhos, tenho o intuito de trazer ao debate o papel histórico que esse espaço social ocupa desde seu surgimento no final do século XIX até os dias atuais, compreender o momento de sua mudança na década de sessenta do século passado, saindo do centro da cidade para o mercado público, cedendo assim o lugar a um novo espaço social que surgia, que foi a praça central, hoje marco zero da cidade de Pocinhos, onde tal mudança é motivada conseqüentemente pelas novas perspectivas do padrão de modernidade que as cidades deveriam adotar, seguindo assim uma nova forma de organização dos espaços sociais.

Portanto, analisá-la como patrimônio cultural e ao mesmo tempo fomentadora dessa identidade social da cidade requer antes de tudo fazer um reconhecimento que essa sociedade tem de si mesma, para que ela perceba todas as manifestações que a feira abriga na sua tão frágil estrutura organizacional.

2. Entre a Monarquia e a República: Surgi à feira de Pocinhos

É no mínimo coerente, pensar a feira dentro de suas possibilidades, hoje há vários argumentos que intitulam as feiras como locais desorganizados e carentes do mínimo de higienização possível, sem falar do barulho, da aglomeração de pessoas, entre outras. Porém, todos esses fatos nos fazem pensar por que a feira resistiu e ainda vem resistindo até dias atuais? pois hoje temos o conforto e comodidade dos supermercados, dos sacolões e já não é mais a feira detentora exclusiva de produtos dos quais consumimos todos os dias.

A registros que as feiras livres existem no Brasil desde o período da colonização, nessa época as barracas localizavam-se nos portos, para comercializarem pescados e outros produtos, como cita VIEIRA (2004) “ *O comércio era informal, até que em 1771, o Marquês do Lavradio, 3º Vice Rei do Brasil, criou a primeira lei que visou regularizar a atividade e autorizou o funcionamento dos mercados de alimentos nas ruas*”. A partir de então esse tipo de comercialização passa a ter maiores características do que hoje são as feiras livres. Porém, um decreto federal de nº997 de 1904 reconhece oficialmente o funcionamento da feira na administração pública, liberando esta para acontecer aos sábados, domingos ou feriados, mas em Pocinhos a feira não se deu dessa forma, desde seu surgimento no final do século XIX, esta passou a acontecer as quartas feiras no largo em frente a igreja matriz da cidade e somente em 18 de fevereiro de 1977, um decreto municipal de nº 242, determinou a transferência do seu dia de funcionamento para acontecer aos sábados, mas em caráter experimental era

o determinava o decreto, porém, o que representou uma boa aceitação por parte da população e dos feirantes e assim ficou até os dias atuais.

Um novo cenário político no Brasil propiciou o surgimento da feira de Pocinhos, uma época conturbada e repleta de indefinições no campo político administrativo, assim foi o período de transição entre a monarquia e a república, no entanto, a ausência de leis eleitorais e de uma constituição só colaboravam para os conflitos civis que se davam por todo o estado. Em 1890, Campina Grande viveu dias de pânico, jagunços armados aterrorizavam as pessoas, o partido conservador e o liberal dispunham de seus capangas que assim faziam a guarda daqueles de representação mais “importante” no cenário político da cidade, de maneira que os a população ficavam a mercê da violência, onde foram registrados constantemente espancamentos e assassinatos.

Diante de todo esse caos, só estaria seguro em lugar público e onde houvesse aglomeração de pessoas quem tivesse em sua guarda algum grupo de homens armados, porém, foi dessa forma que surgiu a feira de Pocinhos como um entreposto entre as cidades e vilarejos vizinhos que temiam ir a feira de Campina Grande, como bem cita RIBEIRO (Pág.69, 2003):

“ Pocinhos começa a ter sua feira, pois era arriscado ir a Campina Grande. Gente de todos os redutos liberais próximos, como São Francisco e Boa Vista convergiam para Pocinhos fazer suas compras e vender seus produtos sob a proteção dos jagunços da Fazenda Puxinanã”.

Dessa forma, consolidou-se a feira de Pocinhos, contribuindo para o desenvolvimento do povoado, que outrora tornar-se-ia Distrito de Campina Grande e em 1953 atingiria sua emancipação política. Nesse momento, a feira continuava localizada no largo central em frente a igreja matriz, onde é então inaugurado em 1969 o Mercado Público de Pocinhos, sendo este um dos maiores construídos na região, com uma capacidade satisfatória, comportando assim feirantes e fregueses de forma mais cômoda e organizada e conseqüentemente sendo a feira transferida para este local. A construção do mercado público de Pocinhos acontece sobre várias críticas, por este está localizado numa área um pouco afastada do centro da cidade, onde ainda não havia ali casas ou prédios comerciais. Porém, se fazia necessário tal obra, diante de um novo padrão organizacional, Pocinhos precisa gerir um novo espaço social, daí, foi então que onde era realizada a feira costumeiramente as quartas, passou a ser a praça central da

cidade, cumprindo assim com o novo código de estética e organização das cidades, como cita CAVALCANTI em (pág.72, 2002):

“ A Europa vivenciou processo parecido nos finais do século XVIII, porém o Brasil só o experienciou nas primeiras décadas desse século, onde capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, entre outras, remodelaram os seus centros, com objetivos de lhes dar outra cara (aburguesada, funcional e moderna), outros usos e abusos”.

De maneira, que tal modificação também resultou na abertura de novas ruas, e com a demolição de um casarão na rua Getúlio Vargas houve o alargamento da entrada para a Rua Cônego Pequeno, sendo extinto o famoso beco da fachada. Com a construção do mercado, sendo este como já mencionei aqui em área deserta, houve uma grande expansão da cidade, pois além de tornar-se um bairro também residencial, vários prédios comerciais foram edificadas ali, onde hoje representa o maior bairro em número de imóveis que tem por nome Jardim Etelvina, uma referência ao nome da antiga proprietária de toda aquela área e matriarca de uma das maiores e mais conhecidas famílias de Pocinhos.

3. A feira de Pocinhos: Memória e Identidade de seu povo.

Partindo do pressuposto que temos na feira uma gigantesca representação de memória que se desloca em tempo e espaço através da lembrança, mas não tendo como propósito o resgate dos fatos, por entender que estes não podem ser revividos, mas sim, apenas ressignificados, através das experiências vivenciadas neste passado e pela associação de imagens e momentos feitos pelo indivíduo fomentador dessa memória, talvez seja por isso que a feira representa tão fortemente esse lugar de memória, por ser esta aos nossos olhos um patrimônio não só material, como também imaterial, sendo esse segundo construído exatamente pela memória e pelos discursos orais daqueles que viveram os primórdios da feira.

Sua grande capacidade de reunir em um local uma infinidade de produtos e gêneros, sendo muitos destes de caráter tradicional, a feira constrói um estado de (re)memorização, porém, de cara nova, ela é o encontro do passado que não pode mais ser vivido, com o presente que está aqui, mas que é tão esquecido. Esse espaço social, ora muitas vezes tão desvalorizado, é abrigo de grandes relações de poder que rotineiramente são praticadas por seus integrantes, sejam estes feirantes ou fregueses, de maneira, que cada um, no seu “vasto” ou “tímido” poder aquisitivo vendem e compram seus produtos, mas sempre defendendo seu espaço da melhor forma possível, o feirante

com sua propaganda e o seu “espírito” de convencimento, já o cliente, com sua velha e famosa pechincha, sempre tentando a barganha do precinho melhor, dessa forma, eles usam de fortes estratégias e grandes formas do tão “famoso” marketing, dando a feira esse lugar de oferta e de procura tão complexo e ao mesmo instante tão simples, mas que tanto encanta a muitos, como cita ARAÚJO em (pág.100, 2006):

“ A feira, para nós, consiste em um espaço físico, onde encontramos o comércio, a troca de mercadorias e sua diversidade, mas acima de tudo relações interpessoais que envolvem pensamentos e ações de indivíduos diferentes, dentro de um mesmo espaço físico, abrigando assim uma vasta subjetividade de valores simultâneos com temáticas ecléticas, que em conjunto “formam” a memória coletiva, sendo essencialmente um documento da História viva presente”.

Nesse âmbito da memória, temos por um lado como já citava dois personagens, o feirante e o freguês e nestes uma variação enorme no campo discursivo onde cada um passa a definir sua realidade social tendo como base o passado produtor da história. Dessa maneira, perceber um espaço como representante de sua identidade, trás ao indivíduo a possibilidade de se ver agente dessa história e de reconhecer-se culturalmente a partir de um ponto e de um lugar. É um fato bem curioso e bem presente na feira, é a sua distribuição hierárquica, baseado-me em dados já levantados pelo projeto a qual faço parte, constatamos na própria organização da feira a distribuição de seus clientes, onde barracas e box's mais bem estruturados e com uma variedade maior em produtos são procurados por pessoas com o poder aquisitivo maior, independente de seus produtos serem mais caros que aquelas barracas de menor porte e com preços melhores. De forma, que é tão explícita essas distinções dentro desse espaço, dando assim a feira ainda mais seu caráter de detentora de toda essa mescla existente entre raças, credos, gostos, posição social ou financeira, enfim, a soma de todas estas que resulta nesse campo fomentador de cultura e sociabilidade.

Com relação a feira no seu todo, percebemos sua notória divisão interna da mesma, em áreas ou setores de acordo com o produto predominante, formando assim, várias feiras dentro de uma grande feira, são elas: a feira de frutas e verduras; feira de carne; feira de cereais; feira de mangalhos; feira de calçados e roupas; feira de caprinos e a feira de troca, com um detalhe para essa última que historicamente é de certa forma marginalizada, pois esta se realiza afastada das demais, sendo ela um local de comercialização de produtos usados para venda ou trocas, essa já há algum tempo não é

vista com bons olhos por parte da sociedade por muitas vezes suspeitarem da origem daquelas mercadorias.

Enfim, são estas e tantas outras características que formam esse espaço tão diversificado e tão fomentador da cultura local, que a crise que esta enfrenta não seja causa de seu fim, pois seria lamentável perdermos uma representação extremamente histórica de nosso povo.

4. A feira como resistência: declínio e criatividade.

Como já fora aqui colocado, a feira foi e tem sido um espaço de resistência, embora ela venha sofrendo há algumas décadas, com o impacto importante oriundo da introdução de um modelo capitalista de distribuição dos bens de consumo, dessa forma, ela mantém predominantemente suas características tradicionais e de certa forma ainda arcaicas, depara-se com uma realidade moderna dentro desse novo cenário contemporâneo tão competitivo e mesmo assim tem resistindo, talvez, graças a sua tão geniosa forma de expor a um público tão vasto e diversificado, a feira é como cita Câmara Cascudo em (pág.186, 1973):

“ ... uma feira vale universalmente popular, visão autentica das pequenas indústrias caseiras, do artesanato sobrevivente do maquinário padronizador, da presença de compradores, vendedores e curiosos que trazem o caráter espontâneo dos costumes e gestos habituais ...”

Hoje, é notório na feira de Pocinhos um grande esvaziamento do contingente de fregueses, principalmente na feira de carnes, feijão e farinha, esses produtos hoje estão por demais disponíveis em Supermercados e açougues espalhados por toda cidade. Dessa maneira, aqueles que ainda mantêm o hábito de ir à feira, já não fazem uma feira completa, mas apenas adquirem alguns itens considerados de melhor qualidade na feira que no supermercado.

Sobretudo, vale ressaltar que os problemas higiênicos que tanto afetam as feiras não são um fator determinante para o seu declínio, muito embora contribuam para tal, porém, observamos que os feirantes não conhecem as normas para a manipulação de alimentos, de forma que os gêneros alimentícios são comercializados sem registro, rótulos e data de validade, sendo assim expostos ao sol e muitas no chão ou em tableiros, tendo como embalagens jornais e outros tipos de papeis. Um outro fator, bem considerável, é a questão dos direitos do consumidor que muitas vezes são

burlados nas feiras livres, boa parte dos comerciantes ainda usam balanças antigas, sem aferições do INMETRO, ocasionando assim possíveis prejuízos para o consumidor.

Porém, mesmo assim, depois de analisarmos tantos declínios e crises enfrentadas pelas feiras livres de uma forma em geral, percebemos a sua grande genialidade de continuar fomentando de forma nova e velha ao mesmo tempo a cultura popular do nosso país, a feira não se faz apenas para se realizar compras, mas é um local de encontros, onde vários populares aproveitam o dia para jogarem conversa fora, comer aquele tão famoso pastel com o tradicional gelado de coco, enfim, é uma imensa variedade de opções possíveis que se pode fazer em uma feira, da mais corriqueira, a mais inusitada. De maneira, que a feira oferta uma variedade de produtos que pode agradar toda a família, as mulheres ainda compram ervas para as garrafadas e banhos de assento, colher de pau, abanador, balaios, vassouras de palha, panela e jarra de barro, abridor de lata e tantos outros utensílios que dificilmente seriam encontrados em supermercados; para as meninas a feira tem: bonecas de pano, panelinhas de barro, móveis de madeira; para os homens temos chapéu de palha, cinturão de couro cru, material para criação de animais e montaria, redes de pesca, cachimbo e por fim se preferir aquela famosa cachacinha.

Entretanto, a feira pode ser considerada como um verdadeiro espetáculo de manifestações populares, por isso dentro desse universo onde crise e criatividade andam juntas, podemos concluir que mesmo indiferente ao processo de modernização, ela não perde o seu foco de resistência de tradições locais.

5. Considerações Finais

Como foi colocado aqui anteriormente, que a feira como um todo sofre de graves problemas organizacionais que ameaçam sua sustentação nos dias atuais, porém, observamos também sob outros aspectos, que a feira livre revela-se um espaço de grande complexidade e fomentador do desenvolvimento local. Muito embora, falte a ela ações públicas que possibilitem o seu melhor funcionamento. Entretanto, esse universo não se limita à execução de relações comerciais, pois, nela as tradições locais são reproduzidas e valorizadas, de maneira, que esse espaço detento e campeão do trabalho informal e de baixa lucratividade é promovedor de uma cultura que está impregnada em nossas raízes e em nossa memória.

Tendo em vista a grande complexidade dessa temática, reconheço aqui que em muito ainda não estou abordando, de modo que as falhas que não estão podendo ser evitadas, devem ser atribuídas à inexperiência do pesquisador. Toda via, cabe-me tentar cada vez mais superar tais falhas, mesmo encontrando consideradas dificuldades, sei que não será impossível melhorar minha pesquisa para que assim ela possa se tornar mais satisfatória à aqueles que se interessam pela temática. Levando em consideração que o tempo histórico não é o tempo vivido, a história escrita, documentada, distingue-se do acontecido, é uma representação, e neste hiato entre o vivido e o narrado mora o fazer próprio do historiador.

6. Referências Bibliográficas

- RIBEIRO, Roberto da Silva. Pocinhos o local e o geral. Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 2003.
- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Múltiplos Discursos sobre a Feira de Campina Grande – Campina Grande: Agenda, 2006.
- CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. Cap. Campina parindo modernidade, do Livro Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande, GURJÃO, Eliete de Queiroz (organizadora), 2002.
- VIEIRA, R. Dinâmicas da Feira Livre do município de Taperoá. 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do curso de Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Civilização e Cultura. Rio de Janeiro/ Brasília, INI/MEC, Vol. II, 1973.